

MASHALIM OU A ARTE DE NARRAR – A EDUCAÇÃO A PRUDENTIA

Georgia Vassimon¹

GETEP – Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos

Resumo

Este artigo, elaborado a partir de uma dissertação de mestrado (Vassimon, 2014), exemplifica o que foi investigado: o significado e o alcance educativos, por um lado, da virtude da *prudentia* e, por outro, da arte de contar *mashalim*. Para isso trarei algumas histórias que compuseram a coletânea do trabalho acompanhada de suas reflexões filosóficas e pedagógicas, que ajudaram a compreender os valores antropológicos das situações envolvidas e o resgate da relação *prudentia* / narrativas na formação de professores.

Palavras-chave: *Mashalim*, Narrativas, *Prudentia*, Educação, Psicodrama

MASHALIM OR THE ART OF NARRATE – THE PRUDENTIA EDUCATION.

Abstract

This article, drawn from a dissertation (Vassimon, 2014), will exemplify what has been analyzed: the meaning and educational reaching in two different objects, the virtues of *prudentia* and the telling art of *mashalim*. For that to happen I will use some of the stories, which are part of the research collection with their philosophical and pedagogical analyses, which have helped to understand the anthropological values of the involved situations and the rescue of relation between *prudentia* / narratives and teacher training.

Keywords: *Mashalim*, Narratives, *Prudentia*, Education, Psicodrama

No sentido de dialogar com o leitor, explicarei algumas escolhas: o uso da palavra hebraica *mashalim*, pois ela traz em si diversos significados que no português correspondem a distintos vocábulos: provérbios, parábolas, comparações, metáforas, histórias, piadas, analogias, símile, modelo, lição, etc.

Assim também o tema da *prudentia*. De Aristóteles a Tomás de Aquino (1225-1274), a *prudentia*, classicamente é a capacidade de tomar decisões no sentido da auto-realização e tem sido considerada de extrema importância para

¹ Mestra pela PPGE Metodista / Diretora do Instituto Sedes Sapientiae e Coord. Psicopedagogia. Contato: geovas@terra.com.br

a ética: afinal só se pode realizar o bem se ele for visualizado e escolhido pela *prudentia* (Pieper, 2009: 7). Seguindo Lauand, grafamos *prudentia*, em latim, porque a palavra portuguesa “prudência” não só esvaziou o sentido original, mas até mesmo o subverteu: apontando antes para uma indecisão (Lauand, 2005), ajudando a tornar invisível à própria realidade designada pela palavra original.

Outras vozes compuseram o diálogo no trabalho, em especial a de Humberto Maturana Romesín, biólogo, criador de fundamentos explicativos da natureza biológica da cognição e do social que abriu espaço para a compreensão da natureza do conhecer e da linguagem, assim como do viver humano e o psicodrama de Moreno.

Parte de meu trabalho como educadora é diretamente ligado a contar *mashalim*. Nas aulas do curso de Psicopedagogia, quando trabalho com o papel do psicopedagogo e a ética profissional, tenho usado histórias, poemas, piadas para o aquecimento das nossas reflexões, assim como para que na experiência de ouvir e contar, possamos nos dar conta da nossa cultura e escolher que mundo queremos ajudar a gerar.

Para além de tantos aspectos pedagógicos potencialmente contidos no “contar *mashalim*”, comecei a interessar-me pela *prudentia*. Sobretudo, a partir da experiência que tive ao realizar um projeto da *Associação Barreiros*, em parceria com a Secretaria de Educação de Ilhabela. Esse projeto tem como propósito a formação de cidadãos conscientes, integrados socialmente e preparados para o pleno exercício da cidadania. Trata-se de uma ação no contra turno da escola para trabalhar com crianças e adolescentes “o aprender mais”, nome dado por eles para as atividades desenvolvidas no projeto, pautadas nas histórias de vida, na arte e nas histórias do mundo.

São muitos os projetos com alunos e especialmente com formação de professores nas escolas públicas e privadas, de ensino fundamental e médio, com as quais tenho me envolvido nos últimos anos. Percebo a importância de ampliar nosso pensamento crítico, reflexivo, não aceitar simplesmente qualquer proposta e sim questionar, não se conformar. A educação no Brasil apesar dos avanços, ainda está distante do índice ideal no Atlas do Desenvolvimento Humano, foi o índice que teve menor avanço. O Brasil está na 85^a posição no

ranking mundial de IDH (índice de desenvolvimento Humano) e o nosso papel de professor é fundamental para ajudar a modificar esse quadro.

Numa pesquisa realizada pelo GETEP², em um projeto de intervenção e acompanhamento em uma escola, ficou evidente, no diagnóstico realizado, a importância do ensino e dos professores para os estudantes. Foi muito importante para os professores ouvir isso dos alunos, o que ajudou muito na interlocução entre eles e saber que mesmo as turmas mais difíceis, elencadas pelos próprios professores, pensavam dessa forma. Foi um estímulo para os projetos realizados nessa escola no ano decorrente dessa pesquisa.³

Lidar com narrativas, do ponto de vista teórico é um desafio fascinante. Do ponto de vista pessoal, após tantos anos trabalhando com narrativas, neste estágio da vida, tenho já histórias para contar...

Histórias com finais felizes são as de livros, mas poder imaginar que a vida tem saídas, muitas saídas, portas, janelas, nos torna seres humanos mais espontâneos e criativos, mais capazes de dar respostas adequadas às muitas situações que a vida cotidiana nos impele. Como os casos que circulam de boca em boca na cultura africana e que o autor moçambicano retrata muito bem no trecho a seguir:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mas além, haver um refúgio tranquilo. (COUTO, 2007: 9)

Para Maturana, nosso cérebro não distingue ilusão de percepção. Em suas aulas, ele contava uma história para exemplificar essa questão. Uma moça olha ao longe e acha que vê uma amiga, corre em sua direção e se surpreende ao ver que não é a amiga. A pergunta é: quando ela errou? Quando achou que a moça era sua amiga ou quando percebeu que não era? Para ele, ela não errou em momento algum, viveu o prazer de ter reencontrado a amiga e a frustração de ter descoberto que a moça não era sua amiga.

Vivemos sentindo e refletindo a partir das nossas ilusões e percepções, por isso os *mashalim* nos ajudam muito a perceber o que está escondido da

² Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos

³ Parte desse trabalho está disponível na revista “Construção Psicopedagógica” do Instituto Sedes Sapientiae, 2013.

nossa cultura, nas palavras escritas em várias épocas, que se desvelam a cada leitura, nos instigando a ir além. Favorecem o esclarecimento da situação, sem o uso de muita explicação, sem precisar de tanto discurso.

Poder observar o coletivo através das histórias, nos desperta para as muitas visões e sentimentos do mundo e nos favorece a perceber os nossos sentimentos e ações. Ouvir histórias possibilita melhores escolhas de formas de agir e de se posicionar diante dos outros.

Tanto os contos clássicos, quanto os contemporâneos propõem, mesmo que de formas diferentes, a compreensão do contexto real, recuperarmos a oralidade. Muito do que se sabe é ensinado pelas narrativas contadas de geração em geração e que se perpetuam até hoje nas diversas comunidades. Sejam os contos de fada do Perrault, os contos dos irmãos Grimm, ou ainda os de Andersen.

Os contos contemporâneos também trazem as mesmas questões humanas, de formas e estilos diferentes, mas retratando as questões vividas hoje. Como no livro *Cartas Marcadas: uma história de amor entre iguais*. Nele os autores tratam do amor de um menino por outro, com muita dor e delicadeza.

Sei que a vida abre sempre outras janelas para os horizontes. Respeito o tempo porque ele é minha própria aventura. Tudo que eu vivi até agora é ainda pouco para se saber o que é viver. Mas me entrego total ao que me cabe, ao que acolho como bom e que não acrescenta nada de irregular em mim. Cabe a cada um de nós que estamos no mundo saber o que somos, o que queremos ser. (GARCIA; NETO 2007: 102)

Segundo Rosane Limoli Paim Pamplona:

Ouvir histórias, ouvir estrelas. As histórias são como estrelas. As histórias são estrelas que nos guiam, muitas vezes mostrando o caminho quando tudo em volta parece mergulhado em trevas. Como um sol, elas clareiam o que não se pode enxergar, revivem o que não deve ser esquecido, resgatam o que parecia perdido, um formidável processo de regeneração interior. Uma atuação profunda, porém sutil, graças a seu mágico poder de sedução. (PAMPLONA⁴)

A importância de trabalhar o tema: “*Mashalim* para contar - subsídios para a educação para a *prudentia*” se insere numa perspectiva de tornar as pessoas mais conscientes do seu fazer enquanto educadores, utilizando um acervo cultural das histórias contadas.

⁴ Apostila realizada para a Escola Waldorf Rudolf Steiner - Histórias para Avós e Netos.

Para compreender a maravilhosa dança de vaivém entre o suceder do viver e o suceder do conviver que já tivera início aí por volta de quatro mil milhões de anos e da qual somos presente cambiante. (ASCENCI; CRISTI, 2008: 16)

Lança-se o convite para nos darmos conta de que o fundamental para desejar e viver um conviver ético, em mútuo respeito, desvencilhando-nos das ideologias do poder e da apropriação está em nós mesmos, em nossa biologia. Depende de nós, adotá-lo ou não. Conhecer nossa cultura nos faz mais capazes de fazermos as escolhas certas.

Com outros nomes, os temas da *prudentia* e da educação para a *prudentia* continuam sendo, evidentemente, prioritários numa educação que vise à auto realização do homem. E se o diálogo com os clássicos da filosofia é sempre salutar, neste tema é ainda mais urgente. Particularmente importante, parece-nos também o enfoque que adotaremos, buscando a interface entre educação para a *prudentia* e a pedagogia das narrativas, também de indiscutível atualidade.

A pedagogia das narrativas tem sido utilizada tanto para pesquisa, quanto para o ensino, os processos vividos pelos envolvidos, suas experiências narradas, são a representação da realidade do sujeito e são plenas de significados e interpretações.

O fato de a pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muitos significados e estas a parentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos. (CUNHA, 1998: 38)

Debruçamo-nos sobre narrativas e histórias, piadas, contos, poemas de que gostamos e que de forma recorrente aparecem em nossa cultura. Isso faz com que surjam caminhos os quais percorremos e assim vamos nos dando conta de nós e do outro, quais os nossos repertórios, quais as nossas escolhas, quais *insights* tivemos com esse ou outro texto, roteiro, filme, experiência.

Sendo a *prudentia* virtude prática, voltada para o agir, examinaremos também sua relação com a inteligência do concreto, que Tomás de Aquino chama de *vis cogitativa* e, também com a memória (LAUAND, 1997) por meio das discussões sobre as narrativas.

Como dissemos, a essencial relação da *prudentia* com o concreto, sua inevitável imersão no contingente, no incerto, no imprevisível, estabelece as

bases de uma conexão de sentido com a pedagogia dos contos. Em ambos os casos uma constante essencial é o voltar-se para o contingente:

Assim, no artigo dedicado à virtude da *memória*, Tomás observa que não pode o homem reger-se por verdades necessárias, mas somente pelo que acontece *in pluribus* (geralmente). Esta é também a razão da insegurança em tantas decisões: a prudência traz consigo o enfrentamento do peso da incerteza, que tende a paralisar os imprudentes. (LAUAND, 1997: 99)

A contingência é a imersão no tempo, talvez com uma projeção supra temporal, pela qual as histórias adquirem caráter norteador em nossa vida:

Um antigo poeta sufi disse assim: “*A noite acabou e minha história não terminou. Como a noite seria culpada?*”. Contar uma história, além da partida rumo a outro lugar, é uma maneira específica de, num mesmo movimento, deixar-se levar pelo tempo e de negá-lo no mesmo golpe. Um tempo de narração se instalou quase sem esforço no leito do mestre irresistível. Ele parece perder qualquer influência e toda ação sobre nós mesmos. Nós estamos nele, no vácuo da sua onda, nós somos ele. Toda grande obra dramática que nos arrebatava abole o tempo — ao qual o tédio, guardião vigilante, nos traz de volta quando precisa. O interesse dramático, esse velho motor humano, provavelmente tem muito a ver com essa armação implícita, que o narrador repete a cada instante, da sua supremacia sobre o tempo e, então, sobre a vida. (CARRIÈRE, 2004: 11)

Olhar, sentir, tatear, degustar o tempo, a vida na concretude que se coloca em cada história que vivemos, que contamos ou ouvimos, nos faz pensar nas nossas grandes e pequenas decisões. Se vale correr o risco de continuar o caminho escolhido, ou não, se precisamos mudar de estratégia, de decisão. Qual seria o tempo possível, o caminho provável, qual a nossa escolha, para onde iremos nos encaminhar como humanos que somos?

O ato de designar qualquer ente, objeto, coisa ou unidade, está ligado à realização de um ato de distinção que separa o designado e o distingue de um fundo. Cada vez que fazemos referência a algo, implícita ou explicitamente, estamos especificando um critério de distinção que assinala aquilo que falamos e especifica suas propriedades como ente, unidade ou objeto. (MATURANA; VARELA, 2007: 47)

Escolhemos distinguir os *mashalim* para olharmos a cultura que está escondida, no nosso linguajar cotidiano, como objetos, entes, unidades de pesquisa, para ampliar nossa percepção das nossas ações e valores.

Quando nomeamos e contamos para os outros nossos sentimentos e sensações, vamos vivendo, nesse caminhar que é individual e

coletivo, dessa história ficcional ou não e compartilhando vamos nos constituindo e distinguindo o nosso viver. E essa situação de distinção “é totalmente cotidiana e não única, na qual estamos submersos de modo necessário e permanente.” (MATURANA; VARELA, 2007: 4)

O alcance pedagógico do contar histórias, do *mashal*, mostra-se tanto mais evidente quando consideramos a própria estrutura ontológica do homem: espírito e matéria em intrínseca união, em nosso referencial que remete a Tomás de Aquino: matéria e forma, para empregar a clássica linguagem de Aristóteles. Em vez de princípios morais abstratos ou “teoremas” éticos, contamos com a força concreta da história, do *mashal*.

No psicodrama, algo que nos ajuda a perceber a concretude de Tomás de Aquino é o objeto intermediário, quando damos forma ao que sentimos. Em um grupo de trabalhadores da Secretaria da Assistência Social, que ficavam no gabinete, foi proposto que todos fossem fazer atendimento na rua. Para que isso ocorresse fizemos um trabalho com eles: construíram com sucata a praça. Foi uma grande surpresa perceber que o homem em situação de rua que iriam encontrar tinha sido representado por eles duas vezes maior do que o tamanho da praça. Dessa forma, o grupo pode nomear o receio que estava de sair à rua.

Nesse quadro, a *prudentia* receberá importante potencial de conteúdo da experiência acumulada em histórias.

A *prudentia*, para chegar a uma decisão sobre o agir no aqui e no agora, necessita descer do plano genérico, cujo primeiro princípio é o extremamente abstrato “fazer o bem e evitar o mal”, passando ainda por indeterminados princípios remotos, como podem ser, por exemplo, os Dez Mandamentos. Finalmente, a situação na qual me encontro neste momento e que exige de mim uma decisão. No nível “penúltimo” da deliberação é que a memória (auxiliar decisiva da *prudentia*) lança mão de recursos relativamente menos abstratos como provérbios, fábulas, contos, mitos, etc. que condensam a experiência e como que a oferecem em termos próximos ao prático:

Como foi guardada, transmitida essa experiência da vida? Rituais, livros sapienciais, provérbios, fábulas, anedotas etc. A partir da vida de cada um, teremos que encontrar de novo, dar um novo posto a essa sabedoria - bastante problemática - que é fundamental para nossas vidas, principalmente em nossa época, em que teimamos em reduzir tudo à realidade de coisas: o homem é reduzido ora à biologia, ora à economia, ora à psicologia, ora à sociologia. A

educação contemporânea, assim como os meios de comunicação, tem favorecido essa interpretação coisificada e fragmentária da pessoa, o que acaba por determinar o nosso comportamento em relação aos outros, que passamos a tratar como coisas. Só com essa volta à experiência da vida - e uma educação que a tenha em conta - é que evitaremos a perda do *sentido* da realidade que é a vida (HORTA, 1995: 58)

A cultura para Maturana, a transmissão de experiências de vida, surge quando conservamos comportamentos consensuais que deixam de ser fenômenos ocasionais e passam a ser conservados geração após geração, através da nossa linguagem. Em suas palavras: “*Assim, caçar, pescar, guardar um rebanho, cuidar de crianças, [...] como atividades humanas, são diferentes classes de conversações. Consistem em distintas redes de coordenações consensuais de ações e emoções.*” (MATURANA, 2009: 31)

Para que não percamos o sentido da vida, é importante olhar, compreender, refletir sobre as nossas histórias, anedotas, piadas, enfim *amthal*, que nos revelam como humanos que somos.

As descobertas de Joãozinho

Joãozinho completa nove anos e seu pai lhe pergunta:

- Meu filho, você sabe como nascem os bebês?

O menino, assustado, responde:

- Não quero saber! Por favor, prometa que não vai me contar, pai!

- Mas por que você não quer saber?

E o menino, soluçando:

- Aos seis anos me contaram que não existe coelho da Páscoa; aos sete descobri que não existem fadas madrinhas, nem sereias, nem Saci-Pererê; aos oito entendi que o Papai Noel é você! Se agora eu descobrir que os adultos não fazem amor, não vejo mais sentido na vida!

Onde está cada um? Quando pergunta e responde? O que consideramos nesse processo de ensinar e aprender? De onde se fala? Para quem? Quem está em que fase de desenvolvimento humano? Pensar no contexto é fundamental, quais os alunos? Que lugares moram? De onde e como vieram?

Falar da importância de contextualizar as histórias e as situações para que elas façam sentido para um grupo maior de pessoas é fundamental. Cesarino, psiquiatra e psicodramatista, diria que o atuar na situação sociodramática pode desenvolver nas pessoas a consciência de que é possível ser realmente agente da própria vida e de que participando realmente de um coletivo essa possibilidade se multiplica, criando mais possibilidades. Então, contextualizar as pessoas por meio das vivências e da escuta de histórias refletidas no coletivo nos torna mais engajados. Esse termo já com conotações históricas pode nos levar a muitas derivas e assim nos conscientizamos e nos damos conta a cada palavra compartilhada e resignificada.

Perto do coração selvagem da Montanha Mágica e ao leste do Éden (o paraíso perdido), existe uma região misteriosa e praticamente desconhecida. Muitos a chamam de Continente das Maravilhas. Outros, de Terras do Sul Esquecido. Até hoje é um lugar de difícil localização e acesso. Há caminhos por terra e por mar. Mas parece que nele se chega (quando se chega) por terra, desde que se encontre a sua entrada, o Vale de Aldebarã. (MESERANI, 1995: 4)

Nesse início de história, Meserani nos coloca diante do contexto, aqui o contexto dos contos de fada, ou da própria história um lugar sem localização, mas ao qual se chega, quando se chega. O texto nos traz para essa relação do aqui e agora: quando ouvimos, quando lemos, quando assistimos. Um lugar de difícil acesso porque muitas vezes estamos dentro de nós mesmos, sentindo e elaborando, esse mundo que existe nessa região misteriosa e desconhecida. Contextualizar é ajudar a pertencer, é sentir seu próprio chão, por onde se consegue caminhar.

O conhecimento do contexto é indispensável para que o espectador compreenda o texto e a representação. Toda encenação pressupõe certos conhecimentos: elementos de psicologia humana, sistemas de valores de determinado ambiente ou época, especificidade histórica do mundo fictício. O conhecimento partilhado, a soma de proposições implícitas, a competência ideológica e cultural comum aos espectadores são indispensáveis à produção e a recepção do texto dramático ou da encenação. (PAVIS, 1999:70)

“As bruxas estão soltas” e “sapo de fora não chia” são os nomes de dois capítulos do livro de Meserani. Essas frases nos colocam diante de muitos contextos institucionais. Quantas vezes não as usamos para nomear as situações que estamos vivendo?

A visão do contexto nas histórias, principalmente nas piadas, tem uma ampliação, explicada aqui por Lauand:

Isso é possível porque o sentido “unívoco” (ou, no caso, pretensamente unívoco) é dado pelo contexto. Uma das características fundamentais do contexto - e que está subjacente a todo falar - é que sobre o que é evidente não se fala. Essa regra básica - também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... - é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*...”), são - nas correspondentes línguas - simplesmente modos de dizer: “evidente”. (LAUAND, 2008)

Suponhamos que estejamos interessados, digamos, em suscitar o debate sobre as instituições. Por um lado, elas são necessárias para organizar a vida social; por outro, despertam suspeita porque uma vez estabelecidas tendem a se esclerosar e distorcer. Esses aspectos e tantos outros que os alunos e o professor queiram trazer para o debate podem ser suscitados pela antiga fábula indiana:

Um mestre diabo inspecionava a Terra na companhia de um acólito. Tudo em boa ordem de corrupção, podridão, vício, guerra... Até que o novato chama a atenção do sênior para uma bolsa, uma nesga, um oásis de Verdade no Mundo, propondo-lhe rápida intervenção. Sem se alterar, o velho diabo responde-lhe, sabedor:
“- Uma verdade? Fica tranquilo. Logo virão institucionalizá-la.”
(Cunha, 2006: 33, 34)

Numa ONG onde os projetos ocorrem entre muitos parceiros e nem todos cumprem os combinados, várias frases nos colocam diante dos acontecimentos no aqui e agora das instituições.

“*Estamos sempre arrumando o carro andando*” é a visão do grupo. Em momento de crise tem-se a impressão de que a coordenadora está como “*a vaca escondendo leite*”. Onde estão e quais são os “Obs” institucionais, que impedem o fluxo? Essas brincadeiras sérias favorecem as conversas sobre o fazer institucional.

Muitas vezes as histórias, as metáforas, os provérbios surgem, como mágica nas nossas cabeças para explicar as situações que estamos vivendo. Quando fazemos trabalho em grupo, ou temos alguma parceria, quantas vezes não nos lembramos da história da formiga e da cigarra. Ter talentos, habilidades diferentes, nem sempre é fácil, ainda mais quando alguém se sente fazendo mais do que o outro.

As instituições cristalizam certos aspectos dos contextos para “organizar”, “facilitar”, “dar segurança”, se esquecem de que a conserva cultural (objetos, comportamentos, usos e costumes, que permanecem em uma cultura) impede muitas vezes a recriação de contextos.

Plano de carreira

O cara que estava com a picareta quebrando pedras na linha do trem dá uma parada, para limpar o suor e faz a seguinte reflexão:

- Há vinte anos que eu trabalho nesta empresa... Cinco vezes fui promovido... Eu queria saber de que raios que eu entrei aqui...

Nessa piada de Eugênio⁵, fica à mostra o retrato das tarefas institucionais, que cumprimos e nem sempre sabemos porque ou para que “quebramos pedras”. São tantas e em várias situações que nos desconectamos. Um mineiro diria: “*om cô tô, om cô vô*”.

As fábulas, as piadas, os provérbios, os poemas ajudam a perceber as situações quando elas ocorrem. São como fotos de lambe-lambe que guardam o instante do fato, do relato, da situação, como se pudessem nomear, distinguir, presentificar, valorar.

Mais adiante

Na entrevista de trabalho, diz o gerente da empresa:

- O senhor começará ganhando mil dólares e, mais adiante, aumentaremos para três mil.

- Então, eu volto mais adiante...

Quantas vezes queremos chegar mais adiante das situações. O título e o uso desse termo nos leva para o futuro, para a situação idealizada, nesse

⁵ O catalão Eugeni Jofra Bofarull, ou simplesmente Eugenio, obteve muito sucesso em toda a Espanha - sobretudo na década de 1980, como contador de piadas, ou melhor, como ele preferia dizer, “intérprete” de histórias.

caso prevista, mas em muitos outros parece que se entrássemos mais adiante na situação, como se entrássemos na próxima estação, num outro momento histórico, ou numa outra instituição, as demandas seriam diferentes.

Em uma instituição educacional onde desenvolvemos um trabalho, aconteceu numa reunião de retomada de um dos núcleos: instância política de participação. Esse é um tema que sempre tem que ser retomado devido a pouca ou nenhuma participação. Em um momento mais “quente” da reunião foi lembrada a fábula de Esopo: *O Conselho dos ratos*. Todo mundo tem boas ideias, mas quem faz? Quem põe o guizo no rato? Quem se compromete? Como implicar, comprometer as pessoas que frequentam a instituição, uma vez que compartilham da mesma cultura? Estamos sempre procurando quem vai colocar o guizo. Algumas situações institucionais parecem viver uma história sem fim:

A História Sem Fim

Era uma vez um homem que tinha um buraco no dente. Dentro desse buraco, havia um papelzinho. Nesse papelzinho, estava escrito assim: era uma vez um homem que tinha um buraco no dente. Dentro desse buraco, havia um papelzinho. Nesse papelzinho, estava escrito assim: era uma vez um homem que tinha um buraco no dente. Dentro desse buraco, havia um papelzinho. Nesse papelzinho, estava escrito assim: era uma vez um homem...

Os exemplos ajudam a ilustrar o que cada um está vivendo e é desse concreto que nos referimos no decorrer de todo o trabalho. Quem já não se sentiu como a madrasta da Cinderela, quando vivendo uma família recomposta, dessas que tem, como a da Cinderela, filhas da esposa e filha do marido ou algumas vezes os teus, os meus e os nossos ou ainda quem não se sentiu como o patinho feio sendo uma criança adotiva? Esquecemo-nos de que somos todos adotivos. Quantas vezes não nos sentimos não pertencendo a lugar algum? As histórias muitas vezes acabam por tornar-se arquetípicas, viram metáforas da realidade, ficam atemporais, ajudando crianças e adultos a elaborarem e refletirem sobre suas vidas.

Neste momento histórico precisamos elaborar muito e, como crianças, recursivamente, para que não repitamos as histórias com graus de crueldade

que surpreende os autores de ficção. São ilustrativos os casos de Isabella e Bernardo amplamente divulgados na mídia. A respeito deste último, o jornal O Estado de São Paulo publicou em 16 de abril de 2014 reportagem com o título: “Pai e madrasta são presos por morte de menino no R.S”. Esta manchete mostra o quanto estamos reproduzindo histórias que substituem a maçã envenenada, como no conto da Branca de Neve, pela seringa de veneno. Temos muito para elaborar...

Talvez fique melhor um outro jeito de ver, de uma criança que diz que quem está no lugar da mãe é a “mãe reserva”, assim como os jogadores que entram em campo quando o titular está machucado.

As histórias são um campo muito promissor para isso, propõem um espaço, um campo, onde podemos circular a vontade, ora sendo um dos personagens, ora sendo outro. Elas permitem a repetição do texto proposto ou a recriação do início, o meio ou do fim da narrativa. É como se fosse um universo real de experimentação. Fazemos de conta que somos maus, ou bons, que conseguimos voar como pássaros ou mergulhar no fundo do mar como os golfinhos. Essas vivências permitem experimentar a vida, olhá-la de diferentes ângulos e favorecem a adoção de posturas menos rígidas, escolhas com mais prudência e desenvolvimento da sabedoria.

Metodologicamente, pareceu-nos fecundo a palavra oriental mashal (em vez da nossa palavra história, que restringe em vez de ampliar e incluir) para embasar nossa proposta.

Também a clássica arte de decidir – o que na filosofia clássica se expressa pela virtude cardinal da prudência – mostrou-se totalmente adequada ao fundamento dos mashal, a memória do concreto que orienta nossas incertas decisões sobre o aqui e o agora.

Fica aqui o desejo de que todos possam compartilhar suas histórias, as histórias de suas comunidades, de seus alunos e todos os mashalim que mais gostam e que tocam o humano que os habita. Vale aqui lembrar que esse pode ser um rico e vasto campo de pesquisa: as histórias dos professores, dos alunos, as tirinhas, os poemas, as manchetes, os provérbios, as metáforas, a linguagem em tantas formas. Com esse trabalho fizemos um início de

caminhada, para que outros façam escolhas e mergulhem nessa maravilhosa jornada de nos encontrarmos a partir do que é produzido pelas diferentes culturas. É interessante achar e abordar as semelhanças, diferenças, comparações, colaborações, fazer muitos e ricos diálogos, ampliando, para todos, esse horizonte da pesquisa.

Referências

AQUINO, Tomás de. **A prudência**. Tradução Jean Lauand, 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COLASANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. 1ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

GARCIA, Edson Gabriel; NETO, Antonio Gil **Cartas Marcadas**. São Paulo: Cortez, 2007.

LAUAND, Jean. **Amthal, a pedagogia de Deus**. Collatio. São Paulo, No. 11. 2012. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat11/33-38Jean.pdf>>

LAUAND, Jean. et al. **Educação, contar histórias e artes orientais**. Collatio. São Paulo, No. 11. 2012a. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat11/101-116MesaRedonda.pdf>>

LAUAND, Jean. **O professor e a docência em Tomás de Aquino**. Notandum. São Paulo, No. 33. 2013. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand33/05-12Jean.pdf>

LAUAND, Jean. **Pensamento confundente e neutro em Tomás de Aquino**. Notandum. São Paulo, No. 14. 2007. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>>

LAUAND, Jean. **A filosofia de Tomás de Aquino e a pedagogia árabe do mathal**. São Paulo: Hottopos, 1997.

LAUAND, Jean. **“Tout va très bien, madame la marquise” – as Raízes Medievais do Humor**. Revista Internacional d’Humanitats 14 CEMOrOc-Feusp / Núcleo Humanidades-ESDC / Univ. Autònoma de Barcelona, 2008.

LAUAND, Jean. **A expressividade do brasileiro**. Revista Internacional d’Humanitats 28 mai-ago 2013 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona.

- LAUAND, Jean **Saber Decidir: a Virtude da Prudentia** Notandum 11, 2004
http://www.hottopos.com/notand11/jean_mauro.htm
- LAUAND, Jean. **Introdução in Tomás de Aquino A prudência**. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LAUAND, Jean. **Provérbios e Educação Moral**.
- LAUAND, Jean. **Antropologia e linguagem - 9 estudos**. São Paulo: Factash, 2010.
- LAUAND, Jean. Pieper. **Universidade (2 estudos)**. São Paulo: Factash, 2011.
- LAUAND, Jean. Oriente & Ocidente: Idade Média: Cultura Popular. Edix edições.
- LAUAND, Jean. **Filosofia, linguagem, artes e educação: 20 conferências sobre Tomás de Aquino**. Coleções Humanidades, V.1. São Paulo: Factash, 2007.
- MARÍAS, Julian. “**Entrevista a JL, 26-5-99**”. Videtur. São Paulo nº8, 1999.
<http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>
- MATURANA, Humberto Romesin; Davila, Ximena Yañes. **Habitar humano em seis ensaios de biologia- cultural**; tradução de Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athenas, 2009.
- MATURANA, Humberto Romesin; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2004.
- MATURANA, Humberto Romesin; **Conversações... 1 - o que é uma cultura**, 2009a
(<http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana/page/conversacoes-matristicas-e-patriarcais-1-o-que-e-uma-cultura>).
- MESERANI, Samir. **Confusão maior no reino de Tânger Menor**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- PAMPLONA, Rosane Límoli Paim. **Histórias para Avós e Netos** - material feito para a escola Waldoorf.
- PAMPLONA, Rosane. **O homem que contava histórias**. São Paulo: Brinque-Book, 2005.